



DL-01

Ses. Esp. 27/09/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao centenário do escritor Jorge Amado, proposta pelo nobre deputado Álvaro Gomes.

Convido para compor a Mesa o Sr. Deputado Álvaro Gomes, proponente da sessão; o Sr. Waldir Pires, meu querido amigo, ex-governador do Estado da Bahia; o Sr. Rômulo Cravo, chefe de gabinete da Secretaria de Cultura, representando o governo do Estado; o Sr. João Jorge Amado, representante da família do homenageado; o Sr. Tenente-Coronel Josafá Soares Souza, representante do comandante geral da PM, coronel Alfredo Castro; a Yaalorixá Mãe Stella de Oxóssi; a Sr^a Professora Bohumila Araújo, estudiosa da obra de Jorge Amado; a Sr^a Midian Garcia, pró-reitora da Faculdade Unijorge; o Sr. Guido Araújo, professor e cineasta; o Sr. Gerônimo, compositor e cantor; e o Sr. Cláudio Simões, dramaturgo. (Palmas)



3949-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Álvaro Gomes

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Saúdo o Sr. Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa; o Sr. Waldir Pires, ex-governador do Estado da Bahia, que para mim é o eterno governador com a sua história muito bonita, exemplo para todos nós; o Sr. Rômulo Cravo, chefe de gabinete da Secretaria de Cultura, representando o governo do Estado da Bahia; o Sr. João Jorge Amado, representante da família do homenageado, muito obrigado por sua presença; o Sr. Tenente-Coronel Josafá Soares Souza, representante do comandante geral da PM, coronel Alfredo Castro; a Yaalorixá Mãe Stella de Oxóssi, a quem faço uma saudação muito especial, muito obrigado pela sua presença, fico muito satisfeito; a Sr^a Professora Bohumila Araújo, estudiosa da obra de Jorge Amado; a Sr^a Midian Garcia, pró-reitora da Faculdade Unijorge; o Sr. Guido Araújo, professor e cineasta; o Sr. Gerônimo, compositor e cantor, obrigado pela presença; o Sr. Cláudio Simões, dramaturgo; todos os familiares de Jorge Amado e todos os alunos do Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, vocês assistirão a uma aula, hoje, com os especialistas da obra de Jorge Amado. Vai ser muito importante para todos vocês. (Palmas)

Sr. Presidente, demais companheiros e companheiras, quero, neste momento, mostrar a minha alegria com a realização desta sessão especial. “Jorge Leal Amado de Faria, mais conhecido como Jorge Amado, segundo informações colhidas no site oficial da Fundação Casa de Jorge Amado, nasceu em 10 de agosto de 1912 no município de Itabuna, mudando-se para Ilhéus com um ano de idade. Concluiu seus estudos secundários em Salvador, período em que começou a escrever profissionalmente, em veículos como *Diário da Bahia*, *O Imparcial* e *O Jornal*, e a participar das atividades literárias da capital, figurando como um dos fundadores da Academia dos Rebeldes. Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935.



O primeiro romance, *O País do Carnaval*, foi publicado em 1931 e a partir de então seguiu-se uma carreira de sucesso, com diversos livros traduzidos para outros idiomas, como *Jubiabá* (1934), *Capitães da areia* (1937), *Terras do sem fim* (1943), *Seara vermelha* (1946), a trilogia *Os subterrâneos da liberdade* (1954), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969), *Tieta do Agreste* (1977), entre vários outros. Sua obra literária também foi adaptada para o cinema e a televisão.

Além da atividade literária, Jorge Amado destacou-se no campo político. Ingressou no Partido Comunista em 1932, viveu no exílio (Argentina e Uruguai) entre os anos de 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina, voltando para o Brasil em 1944. Foi eleito deputado Federal em 1945 pelo Partido Comunista no estado de São Paulo participou da Assembleia Nacional Constituinte em 1946, tendo sido autor da lei de liberdade de culto religioso.

Em 1947, nasce João Jorge Amado seu primeiro filho com a escritora Zélia Gatai, nesse período o Partido Comunista foi declarado ilegal e seus membros perseguidos e presos. Jorge Amado teve que se exilar com a família na França, onde ficou até 1950, quando foi expulso, indo abrigar-se em Praga onde viveu até 1952 período em que nasceu sua filha Paloma. Logo depois retorna ao Brasil.

Em 6 de abril de 1961, passa a ocupar a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis.

Jorge Amado teve sua obra premiada nacional e internacionalmente, merecendo destaque os seguintes: Stalin da Paz (União Soviética, 1951), Latinidade (França, 1971), Nonino (Itália, 1982), Dimitrov (Bulgária, 1989), Pablo Neruda (Rússia, 1989), Etrúria de Literatura (Itália, 1989), Cino del Duca (França, 1990), Mediterrâneo (Itália, 1990), Vitaliano Brancatti (Itália, 1995), Luís de Camões (Brasil, Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1995) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997). Também recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter sido feito Doutor Honoris Causa em 10 universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel.



Sua ligação com o candomblé lhe proporcionou o título de obá, posto civil que exercia no Ilê Axé Opó Afonjá.

Queria dar um destaque à influência da obra de Jorge Amado em minha própria militância. Eu, militante comunista há 32 anos, utilizei sua obra como instrumento de luta e formação política para a construção da democracia e de uma sociedade com paz e justiça social. Na busca de novos filiados, trabalhava com o romance *Os Subterrâneos da Liberdade* – os três volumes: *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*. Quando entendíamos que havia uma pessoa lutadora, leal, comprometida com a justiça social, fazíamos a abordagem, que normalmente durava meses. Oferecíamos o primeiro volume, depois discutíamos; em seguida o segundo, e continuávamos a discussão; finalmente o terceiro. Após esse processo outros textos eram discutidos até chegar o momento de convidarmos o companheiro para engrossar as fileiras do Partido Comunista.

Hoje as filiações se dão de forma diferente, evidentemente, já que a realidade é outra. Tivemos o fim da ditadura, vivemos em um Estado Democrático de Direito conquistado com muitas lutas e muitas contribuições de intelectuais como Jorge Amado. Mas eu, particularmente, até hoje resisto a fazer filiações em massa, sem explicar o significado do comunismo, do socialismo.

Os Subterrâneos da Liberdade foi uma obra que retratou a luta dos comunistas contra a ditadura, que censurava, que torturava, que prendia (o próprio Jorge Amado foi preso duas vezes no período). Um romance que era na realidade um importante instrumento de luta por uma sociedade democrática, mais humana, na qual todos pudessem viver com dignidade.

Ainda na década de 50, de acordo com o *site* www.jorgeamado.com.br, a literatura de Jorge Amado passou a dar mais relevo ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso. Apesar de não terem estado ausentes de sua literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano e seus romances apresentam um posicionamento mais nuançado. *Gabriela Cravo e Canela*, escrito em 1958 (aliás, eu tive o privilégio de nascer junto com *Gabriela*), marca essa grande mudança. O escritor, porém, preferia dizer que com *Gabriela* houve 'uma afirmação e não uma mudança de rota'.



Na minha opinião, a essência de Jorge Amado nunca se modificou. Como escritor, teve a sensibilidade de durante toda a sua vida buscar de forma criativa contribuir para a construção de uma sociedade mais humana. Em 1955, Jorge Amado afasta-se do Partido Comunista, mas será que deixou mesmo de ser comunista?

Em 23/06/1991, em entrevista ao jornal *O Globo* sobre sua confiança no socialismo após a queda do Muro de Berlim, afirmou:

O capitalismo conserva-se o mesmo sistema frágil e injusto, produtor de guerras, de miséria, baseado no lucro, na ânsia do dinheiro. São razões muito miseráveis.

Sobre as desigualdades entre países, declarou ao *Jornal da Tarde* em 04/01/1992 o seguinte:

Mas enquanto houver miséria, enquanto houver Terceiro Mundo, pode ter certeza, meu amigo, que não haverá paz no mundo.

Podemos citar mais uma declaração de Jorge Amado, ao *Jornal do Brasil*, em 04/08/1995, quando lhe foi perguntado se continuava comunista, e sua resposta foi clara e objetiva:

Acho que o socialismo é o futuro. A queda do Muro significou o fim de ditaduras medonhas, que existiam em nome do comunismo, mas não eram comunismo na realidade. Acredito no avanço do homem em direção a um futuro melhor.

Além desta sessão especial, também em homenagem a esse grande escritor, reconhecido no mundo inteiro, apresentei um projeto de resolução de número 2.131/2012, que concede o título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira a Jorge Amado.

Jorge Amado faleceu em 6 de agosto de 2001, próximo ao seu aniversário de 89 anos. Neste ano, comemora-se o seu centenário, fato que está motivando todo o País a se unir em eventos que relembrem o escritor, sua obra e sua importância para a cultura brasileira e para a construção de uma sociedade de paz e justiça social”.

Portanto, a obra de Jorge Amado tem um valor significativo para todos nós. É uma obra importante, porque Jorge Amado atravessou várias situações: nasceu em 1912, viveu a



revolução socialista de 1917, atravessou duas guerras mundias, atravessou momentos de turbulência no Brasil, momentos de democracia, momentos de avanços democráticos, várias situações. Mas o que é importante ressaltar aqui é que, na minha opinião, Jorge Amado manteve intactos os seus ideais pela construção de uma nova sociedade. Quando se fala que Jorge Amado mudou de ramo, mudou a sua linha literária, abordando outras questões, isso não significa que ele mudou a sua essência. Porque a vida é isso, a vida é arte, é cultura, é alegria, a vida é composta de coisas boas. Jorge Amado abordava os momentos difíceis no *Subterrâneos da Liberdade*, abordava questões mais leves em outros romances, em seus diversos personagens, mas a sua essência se manteve intacta na luta por uma sociedade justa e mais humana.

Queria dizer aqui aos queridos familiares de Jorge Amado que me sinto muito satisfeito e que não poderíamos deixar de fazer esta justa homenagem a um dos maiores escritores do mundo. Não apenas porque é um dos maiores escritores do mundo, é porque a sua obra é uma obra digna e que leva à construção de uma sociedade mais justa e mais digna.

Por isso, nosso querido Jorge é amado por todos nós e continuará eternamente amado, porque sua obra e sua história merecem.

Um grande abraço e vamos a luta até a vitória! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 27/09/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, receberei o secretário de Planejamento que entregará o orçamento do estado para o ano de 2013. Portanto eu gostaria de passar a Presidência dos trabalhos ao meu querido amigo Álvaro Gomes.

Antes, porém, eu gostaria de expressar a felicidade desta Casa por prestar esta homenagem a um homem que marcou a Bahia, como o maior escritor de todos os tempos, que conseguiu levar a cultura, a história do nosso estado para todos outros países.

Todos nós lemos e relemos os livros de Jorge Amado. Falar sobre os seus livros é um pouco difícil de escolher qual o que marcou estudantes, cidadãos, cidadãs, tendo em vista, que quase todos chegaram próximo à perfeição.

Mas não poderia deixar de dizer que, para mim, o livro mais marcante foi *Terras do Sem Fim*. Quando eu estudava no Colégio Central, durante o 2º ano científico, chegando do interior, fomos obrigados a ler um livro do autor Jorge Amado. Eu escolhi *Terras do Sem Fim*, pois imaginei que, talvez, fosse o único livro que daria nota dez. Depois, fomos lendo, praticamente, todos os livros dele. Aliás, minha saudosa mãe foi a primeira professora primária do Nordeste baiano e tinha, à época, a coleção de Jorge Amado. Todas as vezes em que nós conversávamos, ela pedia que lêssemos mais um livro.

Então, neste momento ímpar, em que se completam 100 anos do seu nascimento, eu, em nome do Poder Legislativo, da Casa das Leis, da Casa do povo, parabenizo o deputado Álvaro Gomes pela iniciativa. Este é um deputado comunista como foi Jorge Amado na década de 1930-40. Eu o parabenizo pela iniciativa de esta Casa se associar ao povo da Bahia ao homenagear o escritor Jorge Amado que, sem dúvida nenhuma, foi o maior escritor da história do Brasil.

Aqui está o governador Waldir Pires. Esta figura ímpar com quem tive o prazer de começar a minha vida pública em seu governo como presidente da Embasa. Este homem



dispensa comentários, pois é um dos mais sérios que conheci na vida pública. Fico muito feliz de tê-lo presente aqui nesta homenagem ao escritor Jorge Amado.

Gostaria de, em nome do Poder Legislativo, parabenizar não só os familiares como também os baianos e todo o povo brasileiro por ter a felicidade de tê-lo como escritor na Bahia e no Brasil que levou a história do cacau para todo o mundo. Todos nós acompanhamos a sua história.

Ontem, cheguei à cidade de Água Fria, salvo engano, às 1h30min. da madrugada. Mas estavam gravando, lá, a novela *Gabriela*. E fui assistir, porque, como falaria um amigo do interior, é imperdível. É realmente imperdível, porque é uma história que todos nós apreciamos pela sua beleza, pela história do cacau, dos coronéis e, principalmente, uma época que marcou a história da política da Bahia.

Portanto eu gostaria de pedir desculpa por ter de me ausentar. Quero, mais uma vez, parabenizar o deputado Álvaro Gomes e, ao mesmo tempo, agradecer a presença de todos.

Passo a Presidência dos trabalhos ao meu querido deputado Álvaro Gomes.
(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero agradecer a presença do Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, Artur Guimarães Sampaio, e convidá-lo para fazer parte da Mesa (palmas). Quero registrar também a presença de Everaldo Augusto, mestre em literatura, que tem dado muitas contribuições nessa área. Marighella também está presente e é outro grande nome da história da luta do povo brasileiro. (Palmas)

Como todos estão muito ansiosos, ouviremos agora o cantor Gerônimo, que tem uma ligação muito forte com Jorge Amado na sua produção cultural.

O Sr. Gerônimo:- Senhoras e senhores, não poderia deixar de dizer que Jorge Amado é minha forte inspiração para todas as músicas que já compus e irei compor. Os personagens dele nunca morrerão. Se algum dia os personagens de Jorge Amado morrerem, morre a Bahia e a Bahia nunca morrerá.

Vou cantar um trecho de uma música de Jorge Amado e seu parceiro e compadre Dorival Caymmi.



(Apresentação musical)

Para terminar, eu e meu saudoso parceiro, Vevé Calazans, tivemos o privilégio de termos feito uma música que Dorival Caymmi me falou que tinha ligado para Jorge no período em que estava sendo feita a novela *Tenda dos Milagres* e dito: “A música dos meninos Gerônimo e Vevé é a música da cidade”.

(O Sr. Gerônimo canta a música *É D'Oxum*.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- No final, Gerônimo, você canta mais uma música para alegrar essa plateia importante.

Registro as seguintes presenças: desembargador José Geminiano da Conceição; deputada federal Alice Portugal; deputado federal Edson Pimenta; Luiz Henrique Dias Tavares, professor emérito da UFBA e decano da Academia de Letras da Bahia. Na realidade, esta Mesa teria de ser o dobro para comportar tantas pessoas importantes.

Pois bem, registro também as presenças do Sr. Valdemário Beltrão, da Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de Canavieiras e Região; do Sr. Ribamar Daniel, do Ilê Axé Opô Afonjá e presidente da Sociedade Cruz Santos, obrigado pela presença aqui; de Nelson Brito, escritor de Muritiba; da Sr^a Amélia, superintendente da Educação Básica, representando aqui a Sr^a Antônia Gonçalves Santana, secretária de Educação; de Walter Lessa, presidente da Caixa de Assistência da ABI; de Cléa Costa dos Santos, presidente da Associação dos Procuradores do Estado da Bahia; da Dr^a Risonete Batista, diretora do Instituto de Letras da UFBA, aqui representando Evelina Hoisel, professora titular da UFBA; de Bartolomeu Aguiar Castro, coordenador da Secretaria do Trabalho; de Patrícia Vieira, secretária de organização da União Brasileira de Mulheres-UBM; de Carlos Prozato, diretor do curta-metragem *Testemunho de um Leitor de Jorge Amado*, também contribuindo com essa importante obra.

Registro ainda a presença de estudantes da Escola Municipal Loteamento Santa Júlia, sejam bem-vindos. E quero dar um destaque especial, pois nos ajudou muito na construção desta sessão especial, a Claudius Portugal, ex-diretor da Fundação Jorge Amado; Délio Pinheiro, escritor e responsável pelas edições aqui da Casa Legislativa.



3950-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Bohumila Araújo

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para fazer uso da palavra a Sr^a Bohumila Araújo, estudiosa da obra de Jorge Amado.

A Sr^a BOHUMILA ARAÚJO:- Bom-dia a todos, me sinto muito honrada por estar aqui por ocasião da homenagem a Jorge Amado. Realmente, não esperava ser chamada para a Mesa, não esperava falar, mas vou ser breve.

Acho que fui convidada para a Mesa por causa do livro que organizamos recentemente e que foi publicado pela editora da Edufba no mês passado, *Jorge Amado e a Sétima Arte*, com capa do mestre Calazans Neto, uma coletânea que foi organizada juntamente com Myriam Fraga, diretora da Fundação Casa de Jorge Amado, e a jornalista Maria do Rosário Caetano. São ao todo 20 coautores que participaram desta obra, vocês sabem que Jorge Amado escrevia da maneira que as personagens saíam do papel, já eram praticamente roteiros prontos, tanto é que o autor, ao lado de Nelson Rodrigues, é o autor mais adaptado para o cinema e para a televisão. Acho que as adaptações para a tela grande e tela pequena são muito importantes para a divulgação da obra de Jorge Amado, porque na América Latina em geral as pessoas ainda não têm costume de ler, e então o cinema e a televisão são a aproximação com a obra do escritor.

Muitos jovens, muitas pessoas adultas, viram primeiro algum filme ou novela na televisão inspirada na obra de Jorge Amado e depois foram para a livraria comprar os livros de Jorge Amado e começaram a ler esse autor maravilhoso.

Se alguém tiver interesse, a livraria da Universidade Federal da Bahia possui este livro, que acho que pode interessar a algumas pessoas que pesquisam ou querem saber mais desse aspecto da obra de Jorge Amado, porque realmente foi pouco pesquisada essa área, ligada com transcrição para a área audiovisual.

Não vou cansar vocês, ainda há outras pessoas para falar, agradeço a paciência e a atenção.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



3951-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Bruno Moreno

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Bruno Moreno, líder do Parlamento Jovem.

O Sr. BRUNO MORENO:- Pretendo ser breve. Estou aqui representando todos os estudantes da Bahia e é importante hoje os estudantes terem ciência da leitura, da importância da obra de Jorge Amado, da importância que foi Jorge Amado para a nossa Bahia.

Acho importante não só se prender a filmes e a televisão, mas ler um bom livro, porque livro abre as portas de um novo mundo a cada dia.

Só queria dizer isso para vocês.

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



3952-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Cláudio Simões

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria pedir ao cerimonial para providenciar mais uma cadeira a fim de que possamos contar com Carlos Marighela na Mesa. Seu pai foi contemporâneo de Jorge Amado, foram militantes juntos. E o Marighela foi deputado estadual aqui, e eu pediria para apertar um pouco para que caiba mais um na Mesa.

Convido para fazer uso da palavra o dramaturgo Cláudio Simões.

O Sr. CLÁUDIO SIMÕES:- Bom dia. Quando fui chamado para a Mesa foi porque acabei de fazer uma adaptação para o teatro de um romance de Jorge chamado “O Sumiço da Santa”, que está atualmente em cartaz aqui, estreou há duas semanas. Eu fiquei muito contente, porque sou um escritor, e todo escritor baiano que veio depois de Jorge já nasce sob a figura de Jorge. Jorge não só foi um grande escritor mas também construiu uma Bahia a partir da observação da Bahia que ele viveu. E é isso que eu admiro nele na verdade. Ele fez toda uma construção em sua obra da Bahia do que ele presenciou. Então toda imagem da Bahia, que depois alcança o mundo, vem através da obra de Jorge, mas não de uma criação apenas dele, mas de uma observação. Jorge, de certa forma, foi um cronista de sua época. Acho maravilhoso ver na obra dele como a cidade vai mudando.

“O Sumiço da Santa” é um dos romances da última safra de Jorge, e ele já fala da Bahia do começo da década de 70, e a gente percebe uma Bahia diferente ali. Acho incrível essa capacidade que todo escritor tem de poder dialogar com o seu tempo e deixar esse registro artístico do seu tempo. Você pode recorrer e saber da história da Bahia não apenas através dos livros de História, mas também através dos romances, como acontece com os de Jorge.

Ser um representante dos escritores baianos aqui neste momento é para mim uma honra muito grande. E, de certa forma, ser um representante de Jorge como escritor baiano, esperando levar também a Bahia para o mundo.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



3953-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or^a Sr^a Midian Garcia

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Passo a palavra à pró-reitora das Faculdades Unijorge Midian Garcia.

O Sr^a MIDIAN GARCIA:- Bom dia a todos, à Mesa, gostaria de falar da minha alegria de vir aqui falar, gostaria de saudar a todos em nome do Centro Universitário Jorge Amado. Vou proceder à leitura de um texto em homenagem a Jorge Amado.

(Lê) *“Na esquina dos séculos 19 e 20, homens da vida pública, pensadores e intelectuais de diversas orientações teóricas e ideológicas tomaram para si a difícil missão de interpretar a formação da sociedade brasileira em pleno processo de instalação dos projetos da modernidade nos trópicos. Para o crítico literário Antônio Cândido, 'é característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio de interpretação do País'. Esses ensaístas e artistas, divididos entre 'o ímã da literatura e a tendência sociológica', buscavam sínteses e explicações que redefiníssem 'a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores'. Intérpretes que procuraram delinear as feições da nação, impasses e tramas de suas histórias, legando um corpus híbrido de ensaios romances, no qual se 'combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e arte - que constitui o traço mais característico do nosso pensamento' (CANDIDO: 1965, p. 157.)*

Tais obras, na definição de Silviano Santiago, nos serviram de farol (e não de espelho, como quer uma teoria mimética apegada à relação estreita entre realidade e discurso). Com a sua ajuda e facho de luz é que temos caminhado, pois eles iluminam não só a vasta e multifacetada região em que vivemos, como também a nós, habitante que dela somos, alertando-nos tanto para os acertos quanto os desacertos administrativos, tanto para o sentido do progresso moral quanto para o precipício dos atrasos irremediáveis (Santiago: 2002, p. XV).



Com uma forma peculiar de narrar o Brasil, os romances de Jorge Amado representaram, como a obra de Freyre, uma importante guinada na validade da mestiçagem, até então vista como "fator degenerativo" para a conformação da identidade nacional. O sucesso da obra amadiana foi um dos agentes mais eficientes na mudança de sinal da mestiçagem do pólo negativo ao positivo, da obscuridade a estranha luz, inscrevendo as imagens paradigmáticas de certa maneira de interpretar a nação. Amado foi o mais influente artífice dessa grande reviravolta. Até os anos 1930, lembra Lília Moritz, 'as elites intelectuais, influenciadas por teorias raciais, viam com descrédito a cultura negra. Pensadores entendiam o cruzamento racial como fator de desequilíbrio e de degeneração da nação'.

Com efeito, Amado representou melhor que ninguém, no âmbito da literatura, a passagem da ideologia do branqueamento ao mito da democracia racial, que, desde a década de 30, se estendia do avarandado da Casa Grande de Freyre, desdobrando uma idéia de brasilidade cujas bases ainda hoje integram nossa visão) de nacionalidade.

O escritor, engajado em sua missão de ser romancista do povo, valeu-se das formas de expressão massivas, dos romances romanescos e do melodrama, com sua linguagem fluente e distante das experiências formais da arte modernista —características que lhe renderam o desprezo da crítica durante décadas para fisgar o leitor, seduzindo-o, como diz Eduardo Assis Duarte, entre o 'sabor aventuresco da narrativa e o discurso político, mantendo-o atento aos dramas dos desfavorecidos, entre a fruição e a visão crítica'.

Amado também manteve — e ainda mantém, como fica evidente no recente sucesso do remake de Gabriela — uma duradoura relação com a cultura midiática, notadamente com o cinema e a televisão, a ponto de irrigar, com suas figurações da baianidade, até mesmo outras produções que não adaptaram diretamente seus livros, mas que, de maneira colateral, atualizaram suas pautas, como Cidade Baixa, filme do baiano Sérgio Machado, e a minissérie Ó pai ó, de Monique Gardenberg, somente para ficar em dois exemplos mais recentes.

O romancista das 'telas grandes e pequenas, o Jorge Amado que entra diariamente em nossas casas com seus personagens feitos de luz', segundo o cineasta



Orlando Senna, esteve ativamente, ao longo de sua carreira literária, ligado à produção cinematográfica e audiovisual, presidindo festivais de cinema em vários países do mundo ou na condição de homenageado e autor de Dona Flor e seus dois maridos, romance que se tomaria o filme nacional mais popular das últimas três décadas no Brasil e no exterior, pelo menos até o surgimento de Cidade de Deus e Tropa de Elite.

A elaboração da ficção da nação levada a cabo por Amado e outros grandes intérpretes culturais garantiu ao escritor baiano um lugar de destaque nas interpretações clássicas do Brasil, fornecendo as bases da construção identitária e política da nação moderna. Se Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda, dentre outros, foram os grandes arquitetos dessa comunidade imaginada que é a nação, Jorge Amado foi seu melhor paisagista e grande inventor. Se Amado nunca se declarou, nem se imaginou, ser intérprete do Brasil, mesmo assim, como Lília Moritz afirma, 'ele sempre o foi,. pois seu mundo é a um só tempo pessoal e partilhado socialmente.' Na obra do autor baiano, é a complexidade cultural e histórica do país que se constitui no eixo em torno do qual se agregam positivamente as marcas da formação do Brasil, mas foi a sua capacidade de interpretar e, ao mesmo tempo, de inventar ficcionalmente a identidade nacional seu legado mais duradouro. O nosso farol de iluminação.”

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



3954-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Everaldo Augusto

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Mais uma vez registrar a presença da deputada Alice Portugal, convidá-la para compor a mesa, do Partido Comunista do Brasil, deputada federal.

Quero registrar a presença de demais familiares de Jorge Amado: Maria João, Fernando, Jorge Neto que estão aqui prestigiando esse importante evento. Quero registrar também a presença do escritor Hugo Homem, que está prestigiando também este evento, são todas personalidades importantes que estão aqui, essa plateia está cheia de importantes personalidades.

Concedo a palavra ao mestre em literatura Everaldo Augusto.

O Sr. EVERALDO AUGUSTO:- Em primeiro lugar quero saudar toda a mesa e parabenizar o nosso deputado Álvaro Gomes por essa iniciativa, ele que tem uma origem, uma trajetória vinculada aos trabalhadores e por isso mesmo criou uma proximidade com a obra de Jorge Amado, como ele bem disse, já muito cedo, e utilizando-se da obra de Jorge Amado como um instrumento, também, de fazer política em tempos de trevas, em tempo da ditadura militar e que inclusive não era fácil achar no subterrâneo da liberdade para se fazer uma leitura, e às vezes a gente lia as obras de Jorge Amado xerocada por aí afora.

Então, parabéns ao deputado, acho que nesses 100 anos de Jorge Amado a Bahia deveria ter uma sessão dessa por dia em cada casa legislativa, porque a sua obra é muito vasta e ele ao falar da sua terra falou da humanidade, falou do universal, tratou do particular falando do universal.

Quero saudar também a professora Evelina Rosa, de quem fui aluno também no mestrado de Letras e que era uma especialista também na obra de Jorge Amado, embora a minha convivência com ela foi estudando Graciliano Ramos e foi estudando também João Guimarães Rosa, seis meses estudando João Guimarães Rosa na Escola de Letras.



Gostaria aqui também de dizer que a minha proximidade com a obra de Jorge Amado se deu através de um castigo de escola, não foi fácil não. Então, tinha 15 anos e era muito traquina na escola e um dia jogando bola a nossa turma, não foi nem eu, foi a nossa turma, quebrou o vidro do laboratório da escola, isso no interior – o diretor chamou a turma toda que estava jogando bola e disse: está todo mundo suspenso, 3 dias. Cumprida a suspensão, retornei para a sala de aula, tinha 15 anos, ele me chamou e disse: você não, você vai continuar sendo punido, todo intervalo vai passar na minha sala e eu vou com você até a biblioteca e você vai passar 30 dias de intervalo na biblioteca da escola. E eu triste e tal, aquela coisa toda, castigado, passei a frequentar a biblioteca, onde eu nunca tinha ido, meu negócio era jogar bola. Então. Começando a folhear os livros, meio sem graça, começamos a folhear as enciclopédias, que era mais fácil, Delta Larousse, Barsa, e dei lá com Jorge Amado – aí comecei a ver suas obras e a partir daí foi uma carreira só, vamos dizer, para ler Jorge Amado, e claro que depois vieram os outros, e acho que esse castigo foi o melhor que castigo que eu tive, vamos dizer assim, na vida, porque tudo que veio depois teve um pouco a marca desse castigo, desse convívio com a literatura.

Gostaria também de ressaltar aqui que a obra de Jorge transitou pelos vários estilos literários, vários gêneros literários, tratou do engajamento, da luta pela liberdade, com *Os subterrâneos da liberdade*, tratou de uma temática social forte em *Capitães de Areia*, entre outros, mas, também, transitou pelo conto, pela poesia, escreveu um guia da Cidade do Salvador, desses que a gente vê hoje aí todo bonito, na rua. Não sei o que deu na cabeça de Jorge, lá na década de 40, para escrever um guia sobre a Cidade do Salvador, a ali naquele guia, você vai ver, está contando uma história belíssima da Cidade do Salvador, e com a marca de Jorge, ali tem um texto ácido contra o Cardeal que tinha vendido a Igreja, e mandou demolir a Catedral, e assim por diante. Que Guia legal, porque os guias que a gente vê hoje não têm gosto, não têm sal, mas o de Jorge tinha. E foi por aí afora escrevendo vários outros, livros de viagem, *Viagem ao Mundo da Paz*, falando sobre viagens ao Leste Europeu, enfim, teve coragem, um cara de coragem, Jorge.

Jorge escreveu um livro sobre Carlos Prestes, preso, perseguido, inimigo nº 01 do Estado brasileiro, do fascismo, do nazismo, o mundo todo querendo matar Prestes e Jorge vai



lá e escreve um livro sobre Prestes. Então, é uma obra literária que, com certeza, daria para ganhar aí uns dois ou três prêmios Nobel de Literatura.

Parabéns, deputado. Viva Jorge! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3955-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or^a Alice Portugal

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra à deputada Alice Portugal, que também deve ter utilizado *Os Subterrâneos da Liberdade* para fazer o recrutamento. (Risos)

A Sr^a ALICE PORTUGAL:- Senhores e senhoras, gostaria de cumprimentar o deputado Álvaro Gomes que, neste momento, realiza, com aprovação unânime desta Casa Legislativa, essa sessão, num momento que nós chamamos de defeso eleitoral, onde as forças políticas estão espalhadas por todos os estados brasileiros, mergulhando nos seus municípios, mas consegue realizar esta sessão para homenagear os 100 anos de Jorge Amado.

Eu quero lhe parabenizar e, ao mesmo tempo, parabenizar a Assembleia Legislativa da Bahia, porque Jorge, que está debruçado aqui na galeota *Gratidão do Povo*, sem dúvida alguma é um dos grandes homens da literatura brasileira, da literatura mundial, e é quem retrata, com maior personalidade, a alma da Bahia.

Quero cumprimentar toda a Mesa, o mundo acadêmico, o mundo das artes, as autoridades aqui constituídas, a família de Jorge, que mantém essa memória viva e que, sem dúvida, é baluarte, condutora da manutenção desta chama; cumprimentar os intelectuais presentes, historiadores, fazer, sem dúvida, as minhas reverências àqueles todos que, sem dúvida, erguem esse estudo sobre Jorge, na Universidade Federal da Bahia, na Faculdade Jorge Amado; cumprimentar meu irmão, Cláudio Portugal, que é, sem dúvida, também, um dos grandes estudiosos de Jorge Amado; e, ao cumprimentá-lo, cumprimentar o Professor Délio e a *TV Assembleia*, uma das grandes iniciativas do Poder Legislativo e do deputado Marcelo Nilo; cumprimentar também o nosso governador, sempre, Waldir Pires.

Então, senhores e senhoras, não esperava também ter essa oportunidade, mas dizer que também sou uma baiana que tenho uma parte da constituição, do meu olhar sobre a nossa terra, sem dúvida pelas mãos de Jorge Amado, o olhar na luta contra o fascismo, na defesa da democracia e um olhar especial de amor ao nosso povo. Talvez, seja essa a maior



contribuição que o Jorge faz para a Bahia, expor o coração aberto do povo da Bahia é mostrar a sua diversidade, a diversidade cultural, a diversidade étnica, a luta pela intolerância religiosa, mostrar as entranhas desse povo que é fruto de uma matriz multirracial, multicultural, o respeito às tradições, e, ao mesmo tempo, com escárnio, com humor, mas com realismo, a tradução dos maus-tratos e da discriminação com a mulher.

O Jorge é, sem dúvida, um grande contador de casos da vida dos baianos e dos brasileiros, vem sendo reconhecido pela Academia a cada dia, porque, ao lado de Castro Alves, considero que demorou um pouco para que essa introdução se desse com a devida ponta de que, neste momento, recebe no seu século de vida, os parabéns pela sua existência, porque para nós a sua existência foi fazer possível a nossa existência. Possível, do ponto de vista da visibilidade, foi fazer visível a nossa existência. Então, Jorge Amado, ele a cada obra se completa, a cada etapa da sua vida ele constitui a sua opinião. Na primeira etapa, como deputado do antigo e presente ainda hoje Partido Comunista do Brasil, àquela época com a sigla PCB. Mas com os ideais do Partido Comunista do Brasil, mantidos até hoje, Jorge foi deputado federal ao lado de Carlos Marighella, pai de Carlinhos, e muito nos orgulha o Jorge ter erguido a bandeira da defesa da democracia.

Foi autor na Câmara dos Deputados, do projeto da liberdade de credo no Brasil. É o introdutor da visão laica do nosso país. E, dentre outras contribuições que deu, com sua participação política, inclusive com os já falados 3 volumes dos subterrâneos da liberdade.

Portanto, deputado Álvaro, quero dizer que tenho viagem agora, mas não poderia deixar de fazer aqui, de fato, o aplauso necessário a realização desta sessão, abraçar a família de Jorge, a saudade que a toma e que toma toda a Bahia, sempre que falamos de Jorge, mas a atualidade da sua obra faz Jorge Amado, Dr. Luiz Henrique Dias Tavares, o grande mestre da história da Bahia, aqui presente, faz de Jorge vivo.

Viva Jorge Amado. Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3956-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Waldir Pires

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro a presença do deputado estadual Aderbal Fulco Caldas, Maneca Muniz, escritor, representando, neste momento o Secretário de Comunicação Robson Almeida.

Concedo a palavra ao ex-governador, eterno governador da Bahia, Waldir Pires.

O Sr. WALDIR PIRES:- Meu caro Presidente desta nossa tão justa e admirável reunião, nesta Assembleia Legislativa, Álvaro Gomes, que acaba de dar-me a surpresa honrosa de dizer algumas palavras sobre Jorge Amado.

Minhas amigas, meus amigos, meus companheiros da Mesa, cumprimento a todos. Faço uma referência especial a Mãe Stela, pela qual tenho uma admiração e sentimento profundo de amizade. Jorge Amado foi o encanto de toda a nossa juventude, desde a minha até a adolescente oradora Alice Portugal, que acaba de falar a vocês.

É realmente uma figura singular da literatura do nosso continente, esse contador de história admirável, das mais notáveis do mundo contemporâneo. A honra de ter aqui a família de Jorge Amado, e representantes dela, cumprimentá-los. Você me deu, com este convite, essa oportunidade, inclusive porque gostei muito do seu discurso. Acho que ele traz uma visão absolutamente adequada ao humanista Jorge Amado que com a mais ampla história de vida, a mais generalizada de grande escritor, teve uma visão política do processo de crescimento, de amadurecimento, de luta e de construção pela política da vida humana, da humanidade contemporânea.

Jorge esteve dentro da consciência de nós todos, dentro de nossa alma, desde os primeiros instantes em que entramos em contato com os seus livros, porque, na minha geração, Jorge era o escritor com o qual nós nos tornávamos íntimos o mais rapidamente possível. E, ao mesmo tempo em que ele é esse grande escritor contemporâneo que vai ultrapassar os séculos representando a inteligência e o romance no Brasil tendo como palco os sentimentos do povo baiano, a Bahia em si mesma, Jorge foi um homem de vida política,



compreendendo que a vida política não se trata simplesmente de estar ligado a um partido político, mas à visão construtiva da humanidade, humanidade esta que nunca experimentou o que estamos começando a experimentar contemporaneamente na maior crise de consciência política que o universo conhece. Esse é um dos instantes mais perigosos da vida política que estamos vivendo pelas próprias condições da evolução da humanidade contemporânea. Jorge teve a antecipação de tudo isso.

Ele foi um homem de vida política e de vida partidária, mas foi também, sobretudo a partir de um determinado instante da sua existência, aquele cidadão que pensou o mundo e disse isso nas suas histórias. O mundo é a humanidade, é a vida do ser humano, é construir uma sociedade que represente essa nova realidade que nós nunca conhecemos na história da humanidade e que está posta aí perigosamente. Mas a visão e a consciência de Jorge Amado sempre foram uma visão e consciência absolutamente identificadas com a nossa capacidade de construir a vida política.

Jorge, mesmo quando do Partido Comunista, vendo naquele instante as etapas da vida política com os desencontros, com a luta, com as dificuldades daquela época, no fundo foi sempre um grande humanista na tentativa de que venhamos ser uma realidade política não de interesses secundários ou de interesses fortuitos, mas construtores de uma realidade da vida de todos os seres humanos.

E este é o desafio de hoje, qual seja, como nós seremos capazes de construir senão pela política, mas uma realidade em que todos os seres humanos, repito, todos, sem nenhuma limitação, possam ser capazes de viver decentemente, com justiça, com a utilização dos meios capazes de assegurar o bem-estar e a felicidade de todos?

De modo que Jorge foi isso para a minha adolescência e, também, para os instantes de alegria que tive de estar com Jorge como algumas vezes quando me encontrava em minha segunda etapa do exílio. Eu morava no subúrbio de Paris. Muitas vezes, estive com Jorge em Paris e conversávamos com a expectativa de que seria possível construir em nosso País e um dia ter essa tarefa essencial de erguemos uma sociedade de respeito, respeito pela vida, de reconstruirmos o conteúdo da noção da democracia.



Sabíamos que a democracia não é, simplesmente, uma tarefa de assegurar liberdades formais. Não é isso. Você não pode ter democracia quando as liberdades são, simplesmente, formais. Seria necessário que viéssemos a compreender que a democracia é a soma, é a junção, é a harmonia entre as liberdades e as necessidades da pessoa humana, todas as pessoas humanas.

Por isso, Jorge é o que é e o que foi, ou seja, uma voz de respeito à comunidade da vida, uma voz de respeito a todos os seres humanos, uma igualdade de cores, igualdade de condições econômicas, uma igualdade nesses dispersos condicionamentos da vida contemporânea para afirmar que nós todos seremos capazes de construir a democracia.

O mundo nunca teve. As grandes nações do mundo, que se dizem democráticas, nunca foram, na realidade, com esta concepção. Nunca! Em nenhum país, em nenhum continente, que enquanto se afirmava a democracia as grandes representações da teoria democrática e da noção democrática participavam de mecanismos sociais, econômicos, de práticas e de procedimentos que significavam o desrespeito completo à noção das igualdades humanas, representava a possibilidade da escravidão, representava a possibilidade da espoliação, representava para um continente dominante a presença da África ou da Ásia, absolutamente dominadas por instituições que eram escravagistas.

De modo que Jorge Amado foi sempre isso. Nós, hoje, nos encontramos em um momento da história do mundo em que ou nós resolvemos esta posição de lutar e de construir uma unidade democrática ou nós estaremos ameaçando o mundo do exercício de seus poderes contemporâneos em virtude, exatamente, da coisa mais admirável do ser humano que é a sua inteligência.

Mas é uma inteligência que está construindo uma ciência e uma tecnologia que pode significar a admiração da vida e que, no entanto, significa, igualmente, a possibilidade da morte, da destruição, do término, da finalização, porque somos uma geração, que pela primeira vez na história da humanidade, coincide com a possibilidade de produzir a felicidade e a paz como também pode produzir o desastre completo do término e do fim da humanidade; que tem ciência e técnica, que podem produzir o bem, mas também podem



produzir a guerra atômica ou a guerra microbiológica, com possibilidade de destruir a humanidade inteira.

E Jorge é esse padrão de referência, de lealdade aos sentimentos da humanidade. E acabo ficando feliz de ter a oportunidade de dizer isso a vocês: nosso tempo é um tempo de compreensão de uma luta definitiva. E essa luta definitiva teremos que travá-la dentro de uma democracia que respeita liberdades não formais, como as do espírito, do entendimento, das relações, que respeita as necessidades de todos os seres humanos para que se produza um estágio de alegria, de paz e de comunidade entre nós todos, na vida e para sempre.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3957-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Aderbal Fulco Caldas

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado estadual Aderbal Caldas.

O Sr. ADERBAL FULCO CALDAS:- Sr. Presidente Deputado Álvaro Gomes, Srs. e Sr^{as} Familiares do grande baiano Jorge Amado, todos os membros da Mesa, os saúdo na pessoa deste também ilustre baiano, o ex-governador Waldir Pires. Saúdo todos os presentes.

Serei breve porque não estou apto a falar, pois estou fortemente gripado. Na verdade, acho que deveria me pronunciar na preliminar e não na final. Está havendo uma inversão da ordem hierárquica, já que assumo esta tribuna depois da brilhante oratória da deputada Alice Portugal e do Dr. Waldir Pires, que é um discurso de longo fôlego. Enfim, não estou devidamente preparado, então, respeitando o horário adiantado, quero apenas registrar a minha presença, porque prefiro sempre pecar por excesso do que por omissão. E onde se homenageia Jorge Amado, um bom baiano não pode calar a sua voz.

Tenho o dever, como membro deste Poder, de estar aqui ao vivo e em cores marcando a minha presença e expressando-me, mesmo rapidamente, sobre esse baiano que tanto orgulha todos os brasileiros e até a humanidade.

Quero dizer que Jorge Amado teve um modo singular, único de escrever e descrever. Nós o admiramos, como é possível uma mente humana acumular tantos dados, tantas minúcias, tantos sentimentos, sobretudo, para falar de uma terra e de um povo.

Difícilmente, através dos séculos, ele será igualado, nunca superado, na sua maneira de sentir e de expressar esse sentimento na literatura, descrevendo a Bahia, o seu povo, os costumes e a religiosidade desse povo com tantos detalhes.

Meu caro deputado Álvaro Gomes, o saúdo e o parabenizo pela feliz iniciativa de realizar esta sessão em homenagem ao centenário de Jorge Amado.



Então, numa referência à capacidade e à sensibilidade de Jorge de descrever esta Bahia, esta cidade do Salvador, os casarões históricos. Salvador como berço da literatura, do saber jurídico, da beleza do mar e das praias. De todo fascínio da natureza, a ninguém é possível cumprir esse papel que Jorge cumpriu e pôs em prática.

Estou aqui para parabenizar esse cidadão, esse intelectual, esse baiano ilustre, esse imortal baiano, porque a morte não é uma fatalidade invencível na existência do gênero, ele nasce para a história. E através dos séculos, Jorge será lembrado, respeitado e amado pela Bahia e pelos baianos.

Para encerrar, expresso aqui meus parabéns, o meu efusivo abraço a seus familiares, Jorginho, o neto, nosso amigo e de todos os demais. A vida de Jorge, o seu trabalho pela Bahia, pelos baianos, pela literatura, através do século será lembrado e respeitado como o maior patrimônio literário da nossa Bahia e dos baianos. Viva a Jorge! (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



3958-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Jorge Neto

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao neto de Jorge Amado, Jorge Neto.

O Sr. JORGE NETO:- Gostaria, inicialmente, de saudar a Mesa na pessoa do nosso querido deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão especial, que muito nos alegra, muito abrilhanta a cultura da Bahia com a sua iniciativa, através do qual cumprimento essa plêiade de intelectuais, de pensadores e de pessoas que ajudam a construir a história do nosso Estado. Fico muito feliz, deputado, em estar aqui presente, nesta manhã, e ver este Plenário repleto de amigos. Acima de tudo de amigos, porque era exatamente desta forma que o meu avô, Jorge, gostava de fazer as reuniões, cercado de amigos, de pessoas da sua estima, do seu amor, do seu agrado.

Quando vejo esse lugar repleto de amigos, de pessoas que juntamente com ele ajudaram a construir a história deste Estado, é de incomensurável felicidade. Ver aqui políticos, autoridades e estudantes. Os estudantes que são os responsáveis pelo futuro do nosso Estado, os principais agentes de transformação da nossa sociedade. Com certeza, meu avô está muito feliz. Se pudéssemos falar um pouquinho sobre a figura do meu avô como um escritor que fez política, sem necessariamente ser político, é voltar os nossos olhos para a sua trajetória literária.

Meu avô foi o escritor dos excluídos, o escritor que deu voz a quem não tinha voz, exaltou tantas figuras que estavam à margem da nossa sociedade, que não tinham oportunidade de ter voz, de ter a atenção do Estado, de ter a atenção da sociedade. Talvez, por conta disso, ele tenha sido um escritor tão popular, meus amigos. Ele não criava nas suas obras personagens naquele modelo maniqueísta: os mocinhos e os bandidos. Ele criava gente. Ele criava personagens que eram tão humanos quanto eu e quanto cada um de vocês, que tinham qualidades e defeitos. Portanto, esses personagens encantavam e encantam hoje tantas e tantas gerações. Eu vejo hoje, aqui, estudantes que certamente eram extremamente



jovens quando o meu avó Jorge morreu, em 2001. Possivelmente não eram ainda leitores de Jorge Amado, mas conhecem a sua obra e, a partir de então, começaram a mergulhar no universo de Jorge Amado.

Neste ano, comemoramos o centenário de vida, porque a partir do momento em que se cria a arte, se immortaliza. A partir do momento que se constrói para as gerações futuras, ganha-se o dom da imortalidade. Jorge Amado está immortalizado por causa dos leitores, dos mais antigos e dos novos, que estão aí para realmente renovar e dar fôlego à literatura do nosso País. Quando se vê, no ano do centenário de Jorge Amado, tantas manifestações de carinho, tantas manifestações de admiração, percebemos que Jorge Amado está, hoje, no auge da sua carreira. No auge da sua carreira, iniciativas como essa, deputado Álvaro Gomes, nos deixam extremamente felizes, contentes e orgulhosos pelo fato de termos nascido no Estado que melhor representa a nossa essência como brasileiros.

Jorge Amado, no final das contas, é um grande devedor do Estado da Bahia e do seu povo, porque a Bahia, Estado que Jorge Amado tanto amou e que tanto levou para os demais estados do Brasil e para o resto do mundo, lhe deu tudo que ele precisava. A Bahia lhe deu os personagens, a Bahia lhe deu a inspiração, a Bahia lhe deu o reconhecimento, e o povo da Bahia fez com que aquele jovem escritor que caminhava nas suas primeiras linhas aos 18 anos de idade, quando ele lançou País do Carnaval, se transformasse neste grande titã da literatura brasileira.

Vou-lhes dizer uma coisa com muita sinceridade, acho que isso é muito adequado por conta do momento tão intimista que temos agora, Jorge Amado foi um escritor maravilhoso, foi uma grande figura pública, mas Jorge Amado foi uma figura humana que apenas aqueles que tiveram oportunidade de ter o prazer da sua convivência podem confirmar.

Fico extremamente feliz com a iniciativa, fico extremamente contente com este encontro nosso, hoje. Espero que Jorge Amado continue, eternidade afora, sendo lembrado, sendo exaltado e sendo relido e rediscutido.

Um bom dia a todos. Eu não me vou prolongar. Minhas cordiais saudações. Salve Jorge! (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



3959-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. Rômulo Cravo

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Estamos chegando ao final da nossa sessão. Vamos ouvir, agora, o representante do governo Rômulo Cravo.

Antes, quero registrar que hoje, 27 de setembro, é o dia de Cosme e Damião. Quero reafirmar, aqui, que ficamos muito felizes com a presença de Mãe Stella de Oxóssi, porque é como se estivesse, aqui, Jorge Amado. Jorge Amado está presente, aqui. (palmas) Mãe Stella teve uma presença muito forte na vida de Jorge Amado, e a gente sente a sua presença, aqui, com o seu filho, com os seus familiares e com Mãe Stella.

A ligação de Jorge Amado com o candomblé foi muito importante na sua vida e obra, foi uma coisa muito positiva. Mãe Stella vem prestigiar esta sessão, e nos sentimos muito felizes com a sua presença, aqui, no dia de Cosme e Damião, dia importante para o candomblé. A gente se sente muito feliz com a sua presença. De certa forma, o dia foi uma coincidência, mas terminou sendo algo muito importante.

Estamos chegando ao final da nossa sessão especial. Concedo a palavra a Rômulo Cravo, representante do governo do Estado da Bahia e da Secretaria de Cultura do Estado.

O Sr. RÔMULO CRAVO:- Bom-dia a todos. Quero cumprimentar o deputado Álvaro Gomes pela iniciativa e, em seu nome, cumprimentar a Mesa, um cumprimento especial ao governador Waldir Pires pela minha admiração e também à família de Jorge Amado aqui presente.

Represento neste ato o governador do Estado e o secretário de Cultura Albino Rubim, portanto sinto-me com dupla responsabilidade, mas por outro lado sinto-me especialmente feliz por essa coincidência porque também sou grapiúna. Nasci em Itabuna, vivi minha infância em Ilhéus e cresci ouvindo meu pai contar as histórias das histórias de Jorge Amado.

(Lê) *“Se existe no imaginário local nacional e internacional, uma idéia de Bahia, isso se deve ao escritor Jorge Amado. A literatura que traduziu o ideal de uma democracia*



racial, de uma cultura sincrética, mítica e mística, de uma fala particular, uma cor e uma culinária - colorida e exuberante-, é resultado de um projeto de reconhecimento e respeito profundos por um povo e uma cultura: o povo baiano, a cultura baiana. É, portanto, uma honra podermos expressar também o nosso reconhecimento por esse escritor que levou ao mundo a "Bahia de todos os Santos".

A relação da Bahia, tal qual hoje a concebemos, com a obra de Jorge Amado é equivalente à do Brasil com Gilberto Freyre: ambos reconfiguraram a herança escravista e exibiram como potência e símbolos positivos a mestiçagem e os símbolos da cultura africana. É assim que um romance como Jubiabá, cantado aqui por nosso Gerônimo onde o herói de uma revolução contra a opressão e a exploração é um negro oriundo da camada popular, simboliza não apenas a resistência coesa de uma classe como vai respaldar a própria idéia do Brasil - e da Bahia - como uma pátria miscigenada e, por isso mesmo, um lugar de encontro étnico único, já que a auto-imagem do brasileiro, calcada na miscigenação, é o signo maior da nacionalidade brasileira.

Fica evidente que, de forma sensível e inteligente, Jorge Amado captou os símbolos culturais expressivos e elevou-os à metáfora de um povo, de uma país, pois não existe Brasil sem essa terra baiana, esse pedaço de mundo com seus cheiros, suas cores, seus orixás, sua natureza formosa, seu branco de Oxalá, seus saveiros pacíficos, seus becos cheios de segredo.

Foi a palavra de Jorge Amado que "narrou" o povo baiano, que deixou para sempre o sentimento" de diferença que baianos têm em relação ao resto do país e do mundo. Como uma Macondo, cidade mítica de Garcia Marques, a Bahia é esse lugar de encontros inusitados, de acontecimentos extraordinários e cheios de sentido.

A idéia de Bahia conforma uma densa rede cultural que dá sustentabilidade a práticas discursivas e que se reitera constantemente através de suas "mutações": como gosto estético que orienta o consumo (a nossa música, a nossa culinária, as nossas praias bem mostram isso), como verdade essencial sobre a natureza do "povo" baiano, como mito de origem da celebrada diferença cultural da Bahia, como ethos político de um "povo".



É o próprio escritor que, em um de seus textos, faz a reflexão que orienta a sua percepção da Bahia e que nos faz, também, entendê-la de forma profunda na experiência de pertencer ou não pertencer a essa terra poderosa e mágica:

Pergunta Jorge Amado: 'Existe uma cultura baiana com características próprias, originais? Creio que sim. Aqui toda nasce do povo. Poderoso na Bahia é o povo, dele se alimentam artistas e escritores [...] Essa ligação com o povo e com seus problemas é marca fundamental da cultura baiana que influencia toda cultura brasileira da qual é 'celula mater.' (Amado, 1945).

É essa aproximação do povo que a própria obra do escritor reflete, num exercício político quase sem equivalente num conjunto de obra, pois é o escritor que mais experimentou artisticamente um projeto político calcado na igualdade de importância cultural: o folclore, a religião africana, os mitos, as crenças populares e os becos tinham tanta relevância em sua obra quanto as igrejas católicas, a casa grande, a arte herdada da Europa. E, assim, Amado, além de "cantar" a Bahia, também fez outros cantarem, atraindo para cá olhares de artistas estrangeiros e personalidades do mundo, de Sartre a Neruda e a Carylphé, sendo este último, posteriormente, um aliado na construção imagética da Bahia, tanto nas ilustrações para os livros do autor quanto em seu próprio legado artístico.

É também nos romances de Amado que a dureza da vida se encontra com a poesia, sendo recuperadas canções que embalam o sujeito baiano e o identifica a uma paisagem e a um modo de viver, como revela a canção entoada em Mar Morto: 'Ele diz que é doce morrer no mar, porque irá encontrar a mãe d'água que é a mulher mais bonita do mundo todo...(...) viajar sobre as ondas, ter um saveiro seu, beber no Farol das Estrelas, fazer um filho que seguisse seu destino e ir um dia com Iemanjá. Bem que canta uma voz no cais nas noites mais belas: É doce morrer no mar...'

Do mar ao Pelourinho, Jorge Amado transformou a Bahia em uma geografia interessante e complexa, com a beleza e a poesia aliando-se à dor e ao sofrimento. O mito fundante da ideia de Bahia é, sem dúvida, o empreendimento colonial e a fundação à beira da escarpa, da cidade fortificada por Tomé de Souza, terra onde começou o Brasil. A Bahia



tem sua origem compreendida como a origem do Brasil, indissoluvelmente ligada ao sítio histórico do Pelourinho.

O bairro secular é um dos temas preferidos do autor, que o coloca detalhadamente em muitas de suas obras. Nestas, aparece representado como monumento/documento do mito de fundação da Bahia, como cenário "dramático", onde uma Bahia "profunda" mostra sua face noturna e sombria.

O Pelourinho é este bairro que continua despertando a atenção do olhar de moradores e visitantes. O Pelourinho, retratado por Jorge Amado como forma de deixá-lo vivo e presente, é o Pelourinho que simboliza o "coração da vida popular baiana". Possui, nos romances mais famosos, significado muito especial, já que além de cenário, o Pelourinho é uma metáfora a um só tempo das desigualdades sociais — evocativas da escravidão — e da originalidade do povo da Bahia. É o nosso lugar, o nosso Pelourinho traduzido em imagem, sons e palavras.

Além de traduzir as paisagens da Bahia e povoá-las de tipos humanos, o escritor é referência e motivo de orgulho para escritores brasileiros, jovens e maduros e para os que aqui nasceram ou os que aqui se encontraram. Quem não quer ser da terra de Jorge Amado? Amado é o mais lido e traduzido escritor brasileiro. É o autor que melhor conseguiu configurar uma paisagem e transportá-la ao mundo como metáfora de uma forma de vida, de um povo e uma cultura.

Com saveiros e tempestades do mar, com moças faceiras e capitães de areia, com negros revolucionários, malandros e heróis, o nosso Jorge narrou uma Bahia e deixou uma canção coletiva que entoamos juntamente com as Donas Flores e as Gabrielas, com os Balduínos e os Pedros Balas, com os Quincas Berros D'águas e os Vadinhos. Viva a Jorge Amado!"

Muito obrigado. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-03****Ses. Esp. 27/09/12**

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agora, mais alegria com Gerônimo. Em seguida, ouviremos o principal orador desta sessão especial, que é João Jorge Amado.

O Sr. Gerônimo Santana:- Por falar em alegria, o primeiro livro de Jorge Amado que li foi *O País do Carnaval* para um trabalho escolar obrigatório. Eu estudava no Manoel Devoto e cada um de nós tinha que fazer a interpretação de alguma cena, de algum momento. Li o livro, mas não o estudei, não havia me preparado, porém tive a capacidade de decorar o poema de um personagem do livro o qual até hoje trago comigo. Esse poema faz o que Jorge mais queria, sempre deixar o popular pairar pela cabeça de todos nós. Então o poema de Jorge diz assim:

“Eu canto a mulata dos freges de São Sebastião do Rio de Janeiro... A mulata cor de canela, que tem tradições, que tem vaidade, que tem bondade, (essa bondade que faz com que ela abra as suas coxas morenas, fortes, serenas, para a satisfação dos instintos insatisfeitos dos poetas pobres e dos estudantes vagabundos). É entre as suas coxas sadias que repousa o futuro da Pátria. Daí sairá uma raça forte, triste, burra indomável, mas profundamente grande, porque é grandemente natural toda da sensualidade.

Por isso, cheirosa mulata do meu Brasil africano (o Brasil é um pedaço d’África, que imigrou para a América), nunca deixes de abrir as coxas no instinto insatisfeito dos poetas pobres e dos estudantes vagabundos, nessas noites mornas do Brasil, quando há muitas estrelas no céu e muito desejo na terra. O escritor disse que estava muito bom, muito sincero. Eu canto a mulata dos freges de São Sebastião do Rio de Janeiro... A mulata cor de canela, que tem tradições, que tem vaidade, que tem bondade, (essa bondade que faz com que ela abra as suas coxas morenas, fortes, serenas, para a satisfação dos instintos insatisfeitos dos poetas pobres e dos estudantes vagabundos). É entre as suas coxas sadias que repousa o futuro da Pátria. Daí sairá uma raça forte, triste, burra indomável, mas profundamente grande, porque é grandemente natural toda da sensualidade.



Por isso, cheirosa mulata do meu Brasil africano (o Brasil é um pedaço d'África, que imigrou para a América), nunca deixes de abrir as coxas no instinto insatisfeito dos poetas pobres e dos estudantes vagabundos, nessas noites mornas do Brasil quando há muitas estrelas no céu e muito desejo na terra.”

Obrigado.

Quero saudar a Mesa e a ialorixá Mãe Stela pelo dia de hoje, que é o Dia do Caçador. Que ele sempre esteja pairando em nossas cabeças e traga boa caça, boas notícias e boa vida.

Mãe Stela, esta música é para a senhora.

(Gerônimo Santana faz apresentação musical.) (Palmas)



3960-II

Ses. Esp. 27/09/12

Or. João Jorge Amado

Comemoração ao Centenário de Jorge Amado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Acabamos de ouvir a uma bela apresentação de Gerônimo.

Agora, para encerrar a nossa sessão especial, passo a palavra ao orador mais esperado desta manhã, filho de Jorge Amado, João Jorge Amado.

O Sr. JOÃO JORGE AMADO:- Sr. Presidente desta sessão, deputado Álvaro Gomes, senhor representante do governador, Dr. Artur Guimarães Sampaio, presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, D. Estela de Oxóssi, ialorixá Axé Opô Afonjá, Srs. Deputados, meus filhos Maria, João, Jorginho, meu primo Carlinho Marighella, sentado aqui à Mesa, o povo da Bahia que está aqui presente ou representado por seus representantes eleitos aqui nesta Casa.

Não preparei nada para falar, portanto, serei breve para a satisfação de todos.

Gostaria de fazer dois esclarecimentos que me parecem bem pertinentes sobre o meu pai. O deputado Álvaro Gomes, hoje, em seu discurso, se referiu a Jorge Leal Amado de Farias. O meu pai nunca teve os nomes Leal tampouco Farias. Ele sempre foi Jorge Amado desde o seu registro. Nós temos a certidão de nascimento que está exposta, hoje, na Exposição Jorge Amado, no Museu da Arte Moderna.

Mas este erro é recorrente. Imagino que o *site* da fundação já tenha corrigido isso e que, lá, conste apenas Jorge Amado. Mas o próprio *site* da Academia Brasileira de Letras ainda consta Jorge Leal Amado de Farias. Só um esclarecimento de uma coisa pequena.

O segundo esclarecimento a fazer é mais sério. Muitas pessoas dividem a literatura de Jorge Amado entre antes e depois do rompimento dele com o Partido Comunista. Gostaria de esclarecer que ele nunca rompeu com o Partido Comunista e nunca se desligou do Partido Comunista. Ele se desligou daquela militância efetiva que lhe tomava o tempo e não lhe permitia escrever os seus romances.



Então, o tempo de militância mais efetiva foi o tempo de um vazio literário para ele. E para ele voltar a escrever, teve de se afastar de uma série de atividades do partido.

Isso nunca significou um rompimento. Da mesma forma, desde o primeiro romance, O País do Carnaval, até o último, a sua literatura sempre manteve uma unidade. Ele sempre foi a favor do pobre contra o rico, do oprimido contra o opressor, do socialismo contra o capitalismo. Essa foi a linha que ele manteve durante toda sua vida. O que houve foi uma mudança na forma de escrever.

Os seus primeiros romances foram discursos políticos. Ele chegou no Subterrâneos da Liberdade a escrever dentro da estética do realismo socialista que se fazia na época. Com o amadurecimento do escritor, passou a usar o humor como arma, talvez, como arma mais efetiva do que o discurso político-, mais seco, mais preto e branco- passando a ter uma coloração. Ele dizia que foi necessário o amadurecimento para ele alcançar o humor na forma mais eficiente para a sua criação literária.

Quando foi eleito deputado pelo povo de São Paulo para a Assembleia Constituinte em 1946, dentre outros projetos para a Constituição, havia o da liberdade religiosa. Naquela época era muito mais difícil ser um deputado comunista do que é hoje, o preconceito era muito maior. Qualquer projeto apresentado pela bancada comunista era rejeitado por todas as demais bancadas.

Quando fez o projeto primeiro, foi conversar com Prestes, que era senador. Ele não apresentou o projeto para colher a assinatura da bancada comunista, porque isso seria uma sentença de morte para o projeto. A primeira assinatura que obteve foi a de Gilberto Freire, que ao ver o projeto disse que deveria ter pensando nele antes. Depois saiu pela bancada da Assembleia Constituinte tomando assinatura de pessoas das mais diversas legendas. Foi à UDN, ao PSD ao PTB. Com essas assinaturas conseguiu que o projeto fosse aprovado.

Mas, dentro dessa linha de literatura, escreveu Quincas Berro d'Água, que era a história da liberdade absoluta. Quincas foi um homem que rompeu com todos os parâmetros para conseguir ser livre.

Escreveu livros enfocando o problema da mulher, daquela mulher mais perseguida, a prostituta. E a crítica chegou um dia a classificá-lo como o romancista de putas e



vagabundos. Assumi a opinião da crítica e disse que era de fato um romancista de putas e vagabundos e passou a se definir como Jorge Amado, um baiano romântico e sensual, romancista de putas e vagabundos.

Mas sempre teve uma participação política. Lembro-me de quando menino participei de campanha eleitoral de Juscelino Kubitschek, fiz campanha com Carlinhos Marighella e com Fernando Santana. Temos uma trajetória política de família. Hoje Jorginho é candidato, mantém a tradição da família uma tradição política, mas algumas homenagens foram prestadas a Jorge Amado não só no seu centenário, como também antes disso. Por exemplo, fui convidado a participar do I Encontro Norte-Nordeste de Profissionais do Sexo, quando houve uma homenagem a meu pai por parte do Sindicato Nacional de Prostitutas e da Associação Baiana de Prostitutas.

E uma homenagem que me deixou extremamente emocionado este ano, aqui em Salvador, foi o grande espetáculo promovido por Moraes Moreira, lá no Clube Fantoques da Euterpe, que estava absolutamente lotado mesmo havendo naquela época uma greve da Polícia Militar, causando pavor nas pessoas de saírem às ruas. Pois bem, saíram e lotaram o Fantoques naquela homenagem feita por um músico a um escritor. O fato de ver aquele clube completamente lotado, mesmo naquele momento de terror, foi um fato que me encheu de orgulho e satisfação.

E esta homenagem prestada pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia é uma demonstração de que o povo baiano, através dos seus representantes, reconhece no escritor Jorge Amado o cumprimento do ônus que lhe foi dado pelo nosso povo com o mandato de escritor. E ele cumpriu bem esse mandato. E a resposta é esta: o povo da Bahia, através dos seus representantes nesta Assembleia Legislativa, lhe presta esta homenagem.

Quando vejo D. Stella aqui, lembro-me de que ele contava da força que teve ao lado de Mãe Aninha. A Mãe Senhora foi sua irmã, os dois eram de Oxóssi, mas ele começou essa luta com Mãe Aninha e Pai Procópio. E hoje temos a Mãe Stella, que é a sucessora dessas grandes mães de santo.

Para finalizar, gostaria de agradecer não só em nome da família, como em nome de Jorge Amado, baiano, romântico e sensual, romancista de putas e vagabundos.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-04****Ses. Esp. 27/09/12**

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Encerrando esta sessão especial, gostaria de agradecer as presenças do presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo; do nosso eterno governador Waldir Pires; do chefe de gabinete da Secretaria de Cultura, Rômulo Cravo, representando o governo do Estado; dos familiares de Jorge Amado: Jorge Neto, Maria João, Fernando Moura, Rísea Maria, que é a mãe de João Jorge. E um agradecimento especial a João Jorge.

Também agradecemos as presenças do tenente-coronel Josafá Soares, representando o coronel Alfredo Castro, comandante-geral da Polícia Militar; da ialorixá Mãe Stella de Oxóssi; da professora Bohumila Araújo, estudiosa da obra de Jorge Amado; da pró-reitora da Faculdades Unijorge, Midian Garcia; do professor e cineasta Guido Araújo; do compositor e cantor Gerônimo; do dramaturgo Cláudio Simões; do presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, Arthur Guimarães Sampaio; do ex-deputado deputado estadual Carlos Marighella, filho do grande lutador Marighella, que foi contemporâneo de Jorge Amado; e da deputada federal Alice Portugal.

E faço um agradecimento especial a Claudius Portugal e a Délio Ferraz, que colaboraram para o êxito desta sessão, junto com a assessoria do nosso gabinete; um agradecimento especial ao Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, cujos alunos estão aqui e assistiram a uma verdadeira aula sobre literatura, sobre Jorge Amado; quero agradecer a todos os presentes a esta sessão especial, são muitas personalidades, escritores, lideranças, estudantes – levaria muito tempo para citar os nomes de todos, porque todos merecem ser citados; o programa “A Escola e o Legislativo”, um programa muito importante aqui da Assembleia Legislativa, que faz essa ligação dos estudantes com o Poder Legislativo do Estado da Bahia.

Portanto, em nome do Poder Legislativo da Bahia, declaro encerrada a sessão.